
ESPOSAS PARA O CONSUMO: o movimento #TradWife enquanto um fenômeno discursivo¹

Adille Rigoni Massimini²

Escola Superior de Propaganda e Marketing – ESPM

Resumo

Este artigo analisa o movimento #TradWife como fenômeno discursivo e semiótico, que reforça papéis de gênero tradicionais por meio de discursos religiosos e conservadores. Com base nas ideias de semiosfera, de Lotman (1996) e discurso e poder, de Foucault (1995), investigam-se disputas simbólicas sobre a feminilidade. O objeto empírico é a influenciadora Hannah Neeleman (@ballerinafarm), cuja presença digital remete à estética e aos valores da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. A partir da intericonicidade (Milanez, 2015), analisa-se como sua imagem articula memória visual e discurso religioso para legitimar um ideal feminino submisso e materno. Conclui-se que influenciadoras como ela operam como vetores de reprodução simbólica de modelos conservadores de gênero nas redes sociais, convertendo-se em produtos de consumo cultural.

Palavra-chave: *TradWife*; comunicação; religião; gênero; semiosfera.

INTRODUÇÃO

Estima-se que por volta de 2017, através das redes sociais, surgiu um movimento de mulheres da geração Y e Z que, através de uma estética repleta de referências às mulheres norte-americanas dos anos 1950, buscam a manutenção dos papéis tradicionais de gênero e promovem a submissão aos maridos, muitas vezes sustentados por suas crenças em princípios fundamentalistas cristãos. Esse movimento é chamado de #TradWife, que é uma abreviação para o termo em inglês *Traditional Wife*, que significa “Esposa Tradicional”.

A perspectiva religiosa em relação aos papéis de gênero sustenta o discurso destas mulheres, que são, em sua maioria, cristãs. Neste artigo, buscaremos entender como o tensionamento entre diferentes semiosferas produz influenciadoras *Trad Wives*, enquanto um fenômeno discursivo. Para isso nos apoiaremos na pesquisa bibliográfica, combinada a uma análise semiótica, a partir das ideias de Yuri Lotman (1996; 1999) conduzida através da ideia de intericonicidade, apresentada por Nilton Milanez (2015). A

¹ Trabalho apresentado no GP Semiótica da Comunicação, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Práticas de Consumo da Escola Superior de Propaganda e Marketing.

intericonicidade é o processo que busca “históricamente outro texto que já está ali presente e não em outro lugar, que aparece de forma apagada, mas que precisa de um mecanismo material para ser decifrado, seja pelas similitudes das imagens, pela repetição de sua historicidade ou pela recuperação do arquivo memorial coletivo” (Milanez, 2015, p. 200). Para isso, adotaremos como objeto empírico a influenciadora Hannah Neeleman, que se identifica em todas as redes sociais como @BallerinaFarm, e sua relação com a religião. Para conduzir essa análise, nos apoiaremos em postagens feitas no Instagram de Hannah Neeleman (@ballerinafarm) até junho de 2025.

Com 9.9 milhões de seguidores no *TikTok*, 10.1 milhões de seguidores em seu perfil do Instagram e 2.04 milhões de inscritos no seu canal do YouTube³, Hannah Neeleman, que se identifica como membro de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, mais conhecida como Igreja Mórmon, é considerada a rainha das *Trad Wives*⁴ mesmo sem nunca ter utilizado esse termo em suas redes sociais. O título veio depois de ganhar o prêmio de Mrs. Universe em um concurso de beleza apenas 12 dias após o nascimento de seu oitavo filho⁵. Para compreendermos mais como a religião atravessa seu discurso, precisaremos entender mais o conceito apresentado por Clifford Geertz (2008) sobre a religião.

CULTURA E RELIGIÃO

Entre os sistemas simbólicos que estruturam o ideal *#TradWife*, a religião ocupa um papel central, funcionando como uma matriz simbólica que orienta valores, comportamentos e modelos de gênero. A retomada de papéis femininos tradicionais muitas vezes se ancora em concepções religiosas que naturalizam a submissão da mulher, conferindo legitimidade moral e transcendência a esse estilo de vida. Assim, uma breve revisão do conceito de cultura e religião é necessária para iniciar essa discussão. Para isso, nos apoiaremos nas definições apresentadas por Clifford Geertz (2008), que entende que cultura é “um padrão de significados transmitido historicamente, incorporado em símbolos, um sistema de concepções herdadas expressas em formas simbólicas por meio das quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atividades em relação à vida” (Geertz, 2008, p.66).

³ Dados coletados pela autora no dia 10 de junho de 2025.

⁴ Disponível em: <https://www.thetimes.com/magazines/the-sunday-times-magazine/article/meet-the-queen-of-the-trad-wives-and-her-eight-children-plfr50cgk>. Acesso em 03 de junho de 2025.

⁵ Disponível em: <https://www.thetimes.com/magazines/the-sunday-times-magazine/article/meet-the-queen-of-the-trad-wives-and-her-eight-children-plfr50cgk>. Acesso em 03 de junho de 2025.

Desta forma, o autor compreende que os símbolos sagrados não apenas concentram o *ethos* de um povo, que inclui seus valores, estilos de vida e disposições morais e estéticas, como também faz com que esse *ethos* se torne intelectualmente razoável, uma vez que refletem as crenças e uma visão de mundo considerada verdadeira por aquele grupo. Isso faz com que essas escolhas morais e estéticas sejam naturalizadas, uma vez que são vistas como exigências da própria realidade; e as crenças sobre o mundo se sustentem por sentimentos profundos, que são tomados como provas experimentais de sua veracidade (Geertz, 2008).

O fato de Hannah não assumir o título de *#TradWife* consiste em sua submissão ao estilo de vida proposto pela Igreja, que elimina a necessidade deste rótulo ao determinar que “segundo o modelo divino, o pai deve presidir a família com amor e retidão, tendo a responsabilidade de atender às necessidades de seus familiares e de protegê-los. A responsabilidade primordial da mãe é cuidar dos filhos”⁶. Uma vez que ela vive os padrões de gênero propostos pela Igreja Mórmon, e reforça esses estereótipos através de seu conteúdo, mostrando-a sempre como responsável primária pelos cuidados da casa, da alimentação e dos filhos, de forma que naturaliza tanto a estética quanto os papéis de gênero propostos pela religião.

Clifford Geertz (2008) ainda entende que, enquanto seres humanos, temos uma grande dependência de símbolos e sistemas simbólicos, que faz com que estes assumam um papel importante em nossa viabilidade enquanto sujeito. Para o autor, a religião atua como um sistema simbólico que produz sentidos de realidade, fazendo com que crenças e valores pareçam naturalmente verdadeiros aos indivíduos que os compartilham.

Partiremos dessa perspectiva para entender com maior profundidade o papel que a religião assume no surgimento de movimentos políticos e conservadores, que neste caso, será o movimento *#TradWife* e como isso se tornou, também, um fenômeno discursivo e semiótico.

O SURGIMENTO DE MOVIMENTOS CONSERVADORES

Podemos entender o surgimento de movimentos conservadores a partir das ideias de Yuri Lotman (1996). O autor entende que o processo pelo qual algo se torna portador de um significado é chamado de semiose, e, portanto, o local onde esse processo acontece é chamado de semiosfera (Lotman, 1996). Para Lotman (1996), por depender da ação do

⁶ Disponível em: <https://www.churchofjesuschrist.org/study/scriptures/the-family-a-proclamation-to-the-world/the-family-a-proclamation-to-the-world?lang=por>. Acesso em: 07 jun 2025

signo, a cultura se constitui no espaço da semiosfera e, portanto, passa também a existir no campo da comunicação.

Alguns aspectos importantes da semiosfera são seu caráter individual e homogêneo, que permitem identificar quando estamos dentro de um sistema de cultural específico, que conta com suas próprias regras e signos. Isso nos permite identificar alguns signos da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias presentes no conteúdo de Hannah Neeleman, sem que ela precise dizer o nome da instituição.

Não se trata somente de uma semiosfera, mas sim de diversas semiosferas, formadas por diferentes sistemas semióticos. O autor ainda ressalta que existe uma fronteira semiótica, que não é um espaço físico, mas que atua como um sistema de tradução entre as diferentes semiosferas, uma vez que tudo o que vem de outros sistemas simbólicos precisa ser traduzido para os sistemas de códigos reconhecidos, a fim de serem compreendidos (Lotman, 1996). Esse processo é importante, porque a única forma de um sistema de signos externo penetrar uma determinada semiosfera é através dessa tradução, que Lotman (1996) chama de semiotização.

Yuri Lotman (1998) ainda entende que em momentos de alta semioticidade, ou seja, momentos em que a cultura cria modelos simbólicos sofisticados e que são autônomos em relação à ordem prática, quando há muita complexidade nos códigos e um excesso de semioses, existe uma desestabilização da ordem simbólica dominante, que faz com que as pessoas tenham dificuldade de interpretar esses novos símbolos. Isso, por sua vez, leva à perda de clareza dos códigos tradicionais, gerando uma insegurança, que pode gerar uma resposta conservadora como tentativa de restabelecer ordem, clareza e controle.

A partir dessa lógica, podemos entender o movimento *#TradWife* como uma resposta ao movimento feminista tradicional e à tentativa de reestabelecer a ordem, que neste caso, pode ser compreendida como os papéis tradicionais de gênero. Apesar de estarmos longe de atingirmos uma equidade de gênero, à medida em que o movimento feminista avançou nos últimos séculos, surgiram respostas conservadoras para estes avanços.

Podemos entender, assim, que existe um espaço de disputa pelo centro da semiosfera quando pensamos nas questões relacionadas aos papéis de gênero. Ao mesmo tempo que o movimento feminista está localizado dentro de um determinado sistema de signos que ressignificou o papel da mulher, abrindo suas possibilidades de atuação para além das tarefas do lar e de cuidado, ainda existe uma outra semiosfera, que é sustentada

pelos valores tradicionais e religiosos, principalmente cristãos, que entende que as tarefas de cuidado e do lar devem ser responsabilidade exclusiva da mulher.

A reconfiguração dos papéis de gênero proposta pelo movimento feminista produziu uma ruptura na ordem simbólica dominante, gerando dificuldades na interpretação dos novos signos e, conseqüentemente, uma perda de clareza nos modelos tradicionais de gênero. À luz da concepção de que não há comunicação entre semiosferas distintas sem um processo prévio de tradução simbólica (Lotman, 1996), podemos observar que, ao adotar e difundir o discurso centrado na “escolha da mulher”, o feminismo introduziu um novo regime semiótico que passou a disputar o centro da semiosfera, tensionando os significados estabelecidos em torno da ideia de escolha. Essa disputa, aliada à instabilidade provocada pela perda de clareza acerca dos códigos tradicionais, intensificou a sensação de insegurança cultural.

Nesse contexto, emergiu, especialmente nas redes sociais, o movimento *#TradWife* como manifestação reativa, propondo a reafirmação de papéis de gênero tradicionais como tentativa de restaurar a estabilidade semiótica e conter a dispersão simbólica. Diante disso, vamos entender e analisar a seguir esse movimento conservador através da perspectiva discursiva.

PERSPECTIVA DISCURSIVA

É importante ressaltar que esse movimento surge junto a outros movimentos conservadores, com um marcador específico de gênero. Isso significa que, assim como o movimento *Alt-Right* surge como um fenômeno majoritariamente masculino, nacionalista e branco, o movimento *#TradWife* também tem um recorte específico de gênero, raça e classe.

Para discutirmos o movimento *#TradWife* enquanto um fenômeno discursivo, é necessário recorrer às contribuições de Michel Foucault (2014), especialmente no que se refere à relação entre discurso, poder e subjetivação. Embora Michel Foucault (2014) e Yuri Lotman (1996; 1998) operem a partir de tradições teóricas distintas, é possível articulá-los por meio de uma mediação teórica que considere diferentes escalas de análise. Como discutimos anteriormente, Lotman (1996) nos mostra as regularidades estruturais dos sistemas culturais de significação e suas disputas. Já Foucault (2014) nos permite analisar as estratégias discursivas que produzem regimes de verdade.

Para Michel Foucault (2014), determinados discursos são autorizados e outros excluídos. Isso institui regimes de verdade que delimitam o que pode ser dito, por quem,

em que contexto e com qual legitimidade. Um ponto importante nessa ideia é que a noção de verdade é transitória, o que significa que esta depende de onde o poder está localizado. Isso faz com que o sujeito seja formado através do discurso e, consequentemente, do poder. Enquanto sujeitos, somos constituídos pelo discurso e este é anterior a nós, determinando nossas formas de agir, nossos desejos e percepções sobre o mundo. Desta forma, podemos entender que para além de representar a realidade, o poder produz o sujeito e promove formas de sujeição, ao mesmo tempo que o insere socialmente.

Sendo assim, podemos interpretar o movimento *#TradWife* como parte de um dispositivo discursivo que atua na disputa por formas de feminilidade socialmente legitimadas. Para isso, esse movimento se apoia em diversos discursos sobre tradição, família e feminilidade com o objetivo de reestabilizar simbolicamente contextos marcados pela pluralização dos discursos de gênero à medida que o movimento feminista progrediu. Assim, podemos entender que se trata de uma prática discursiva que busca reinscrever o feminino em um regime de verdade conservador, reafirmando normas sociais por meio de um retorno idealizado ao passado, apoiado por um discurso religioso.

É importante pensar em como as relações de poder atravessam esse movimento. Para Michel Foucault (2014), a formação do sujeito acontece através de práticas discursivas, sendo o discurso responsável por instaurar uma determinada ordem social. Foucault (2014) entende que o poder está no processo de formação do sujeito, está nas instituições, que regulam, autorizam ou excluem determinados discursos. Isso significa que mais do que regular discursos que são exteriores ao sujeito, o poder tem atuação direta na sua formação, de forma que molda também sua identidade. A partir dessa perspectiva, podemos entender que a Igreja Mórmon assume um papel relevante na formação da identidade de seus membros.

Os pioneiros da Igreja Mórmon, especialmente as mulheres, são frequentemente retratadas com muitos filhos e rodeadas de crianças. Mesmo que comum no século XIX e não exclusivo de membros da Igreja Mórmon, é válido ressaltar que estar sempre rodeada de muitas crianças também é um aspecto relevante no conteúdo de Hannah Neeleman.

Figura 1 — Família de Joseph Smith (fundador da Igreja Mórmon)



Fonte: A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, 2024⁷

Figura 2 — Hannah Neeleman com a família



Fonte: Instagram, 2024⁸

O movimento *#TradWife* é marcado por imagens que remetem à estética e ao estereótipo da dona de casa dos anos 1950 e à nostalgia de uma feminilidade branca que se entrelaça a histórias e culturas locais, por onde passa (Mattheis, 2022). Mas, em geral, esse movimento se sustenta por uma lógica discursiva que entende o retorno à feminilidade submissa como a solução de problemas da modernidade e, mais do que isso, o caminho para a libertação, que se aproxima de ideias religiosas, presentes especialmente no Cristianismo Evangélico e no Catolicismo Tradicional (Mattheis, 2022).

Um ponto importante em relação à Hannah Neeleman é que apesar de reforçar esses valores, sua estética não remete à dona de casa tradicional dos anos 1950, mas sim à uma versão atualizada da estética dos pioneiros da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Podemos fazer essa análise nos apoiando na perspectiva de Nilton Milanez (2015, p. 201) sobre intericonicidade, que entende que “essa noção não se limita apenas aos contornos de um ‘modelo’, mas se introduz e se alça como uma ferramenta que servirá para pensar a circulação e a propagação dos discursos por meio de um tipo específico de repetição das imagens”. Jean-Jacques Courtine (*apud* Milanez, 2015) ainda entende que toda imagem está conectada à outra tanto na esfera coletiva, quanto na esfera individual.

Toda imagem se inscreve no interior de uma cultura visual e essa cultura visual supõe a existência de uma memória visual no indivíduo, de uma memória das imagens na qual toda imagem tem um eco. Há um

⁷ Disponível em: <https://www.churchofjesuschrist.org/media/image/portrait-all-smith-family-baxter-14abe98?lang=eng&collectionId=6010859071fd9369feb6bb51c638aa7844b7a480>. Acesso em 16 jun 2025

⁸ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C65hAivukQJ/?igsh=Z3oyZ2o0cGhuODA0>. Acesso em 16 jun 2025

‘sempre-já’ de uma imagem. Essa memória das imagens pode ser uma memória das imagens externas percebidas, mas pode muito bem ser a memória das imagens internas sugeridas pela percepção exterior de uma imagem. Então, a noção de intericonicidade é uma noção complexa, porque ela supõe o estabelecimento da relação de imagens externas, mas também de imagens internas, as imagens das lembranças, as imagens que guardamos na memória, as imagens das impressões visuais armazenadas pelo indivíduo. Não há imagem que não nos faça ressurgir outras imagens, tenham essas imagens sido vistas antes, ou simplesmente imaginadas. É isso que me parece essencial, porque é isso que vem colocar a questão do corpo bem no centro da análise (Courtine *apud* Milanez, 2015, p. 201)

Partindo de referências históricas, é possível notar escolhas estéticas muito semelhantes entre Hannah Neeleman e os pioneiros Mórmons, que migraram em direção ao Oeste no século XIX e se estabeleceram no estado de Utah, nos Estados Unidos – que é também onde Hannah Neeleman vive com sua família.

Figura 3 – Pioneiros Mórmons



Fonte: A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, 2025⁹

Frequentemente as mulheres pioneiras são retratadas com seus filhos e com vestidos longos em uma estética rupestre, comum à época. É possível relacionar essa imagem com a estética apresentada por Hannah Neeleman, de forma que, apesar de ter se passado quase dois séculos, a família ao centro da imagem, o vestido longo no estilo tradicional e o bebê no colo ainda fazem parte da imagem apresentada.

Figura 4 – Hannah Neeleman com o marido e filha



⁹ Disponível em: <https://www.churchofjesuschrist.org/media/image/handcart-pioneers-sam-lawlor-b3445d4?lang=eng&collectionId=6010859071fd9369feb6bb51c638aa7844b7a480>. Acesso em 12 jun 2025.

Fonte: Instagram, 2024¹⁰

O foco discursivo do movimento *#TradWife* está apoiado em uma lógica de maternidade, na qual a mulher não trabalha fora de casa, submissão ao homem – que é visto como o líder do lar –, moda recatada, anti-feminismo e homo/transfobia (Mattheis, 2022). Estes valores são comuns a muitas denominações Cristãs, sendo assim, também, compartilhados pela Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, que é a denominação religiosa com a qual Hannah Neeleman (@ballerinafarm) se identifica. Desta forma, precisamos pensar no papel da Igreja Mórmon, enquanto instituição repleta de poder – bem como no seu poder, reconhecido por seus membros–, dentro do movimento *#TradWife*.

Taylor Petrey (2020) ressalta que, aos olhos da liderança da Igreja, é necessário que exista a diferenciação de gênero para proteger o sacerdócio – que é o poder e autoridade de Deus dado aos homens para agir em seu nome na terra, ou seja, é o que garante poder aos homens dentro da estrutura religiosa. Diante disso, o autor entende que uma das principais ameaças à masculinidade é a possível falha da liderança patriarcal dentro de casa, sendo assim, a Igreja determinou um modelo divino de administração do lar e da família, a “ordem patriarcal do casamento”, que é inspirada na Bíblia para determinar as relações familiares, colocando o homem ao centro da família (Petrey, 2020). Isso faz com que a instituição ensine às mulheres a serem submissas aos seus maridos – que são os portadores do sacerdócio – e não exerçam nenhum tipo de trabalho remunerado, uma responsabilidade que deveria ser do homem (Petrey, 2020). Apesar de ser uma ideia muito reforçada pela instituição na década de 1950, ainda vemos muito deste discurso na Igreja até os dias de hoje no discurso dos líderes e em um documento chamado “A Família: Proclamação ao Mundo”, que determina o modelo divino de família.

Para além de estabelecer normas sociais, o poder da Igreja também permite que a instituição crie imagens no imaginário de quem o reconhece. Isso acontece de diversas formas, seja através de imagens contidas nos manuais e materiais oficiais da Igreja, ou mesmo através da definição de padrões específicos de família e papéis de gênero em seus textos.

¹⁰ Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/C9-P8jlucDB/?igsh=eTV6cXo3bm85bGh6>. Acesso em 12 jun 2025.

Isso permite que exista uma relação entre as imagens postadas nas redes sociais de Hannah Neeleman e as imagens apresentadas pela igreja sobre sua história e sobre a vivência dos ensinamentos no dia a dia, de forma que essas imagens estabelecem relação com outros textos — que podem ser escritos ou visuais — da instituição através das similitudes dessas imagens, da repetição histórica do que esses signos representam e, entre pessoas que tiveram contato prévio com a Igreja Mórmon, pela recuperação da memória coletiva. Consequentemente, Hannah também atua como um veículo de divulgação do *ethos* da Igreja SUD, uma vez que transforma seu estilo de vida em um produto para consumo.

CONCLUSÃO

Desta forma, podemos concluir que estamos vivendo um momento de alta semioticidade, no qual diferentes ideias e visões acerca do papel da mulher na sociedade estão em disputa pelo centro da semiosfera. Diante desse momento de tensão, surgem diferentes movimentos conservadores, entre eles, o movimento *#TradWife*, que por sua vez, produz influenciadoras que, através de estratégias discursivas e uso das redes sociais, promovem e convocam mais mulheres a adotarem um estilo de vida baseado em ideias Cristãs sobre gênero e, especificamente, sobre o papel da mulher na sociedade, mesmo que não adotem o termo, mas produzam uma estética de submissão e servidão dentro do lar nas redes sociais. Apesar de comum, essa estética não precisa estar necessariamente relacionada aos signos dos anos 1950, mas é possível identificar esses valores e referências religiosas em outras possibilidades e escolhas estéticas, mas que sempre mantém a mulher em uma mesma posição dentro da dinâmica familiar.

Neste processo, essas influenciadoras se tornam produtos para consumo através das redes sociais e se tornam ferramentas importantes de divulgação dos ideais cristãos para além das paredes da Igreja, fazendo com que este fenômeno seja também discursivo.

REFERÊNCIAS

A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS. **A Família: Proclamação ao Mundo**. Salt Lake City, Utah, 1995. Disponível em: <https://www.churchofjesuschrist.org/study/scriptures/the-family-a-proclamation-to-the-world/the-family-a-proclamation-to-the-world?lang=por>. Acesso em 7 de junho de 2025.

AGNEW, Megan. Meet the queen of the ‘trad wives’ and her eight children. **The Times**, 20 jul. 2024. Disponível em: <https://www.thetimes.com/magazines/the-sunday-times-magazine/article/meet-the-queen-of-the-trad-wives-and-her-eight-children-plfr50cgk>. Acesso em 03 de junho de 2025.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 2014.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. 1. ed., 15. reimpr. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

LOTMAN, Yuri. Acerca de la semiosfera. In: LOTMAN, Yuri. **La Semiosfera**, vol. 1. Madrid: Cátedra, 1996.

LOTMAN, Yuri. **La semiosfera II: Semiótica de la cultura, del texto, de la conducta y del espacio**, vol 2. Madrid: Cátedra, 1998.

MATTHEIS, Ashley A. #TradCulture: Reproducing whiteness and neo-fascism through gendered discourse online. In: HUNTER, Shona; VAN DER WESTHUIZEN, Christi. **The Routledge Handbook of Critical Studies in Whiteness**, New York: Routledge, 2022.

MILANEZ, Nilton. Intericonicidade: da repetição de imagens à repetição dos discursos de imagens. **Acta Scientiarum. Language and Culture**, v. 37, n. 2, p. 197-206, 28 jul. 2015.

PETREY, Taylor G. **Tabernacles of Clay: Sexuality and Gender in Modern Mormonism**. United States of America: The University of North Carolina Press, 2020.